

ALLEN RANKIN

Durante muito tempo uma grande cantora de blues, tornou-se depois uma atriz dramática de primeiro plano. Hoje, como evangelista que «faz um barulho alegre para o Senhor», é uma das mulheres mais extraordinárias e queridas do seu país



AS TRÊS VIDAS DE ETHEL WATERS

NO ESTÁDIO apinhado de uma multidão ansiosa de assistir a mais uma Cruzada de Billy Graham, eleva-se uma voz conhecida e jubilosa. Suave e terna como um trompete em surdina, irrompe livre das sóbrias cadências do coro e parte em suas próprias exuberantes excursões. Aos 76 anos, a solista evangelista Ethel Waters não se rende

à idade e está apresentando a execução mais primorosa dos seus 50 anos de estrelato. «Gosto de levantar-me e mostrar que ser uma testemunha de Cristo não constitui um problema duro, difícil de enfrentar», ela explica, «e sim a coisa mais fácil e radiosa que eu ou alguém jamais fez!»

Com a sua figura imponente, estatuesca, coroada de cabelos bran-

FOTO: CORTESIA DA ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA BILLY GRAHAM

cos, Ethel é uma figura irresistível. Devido à sua perigosa doença de coração, movimenta-se lentamente, com precaução, comportando-se como um carro alegórico. Mas o seu famoso sorriso é mais alegre do que nunca, e, quando ela canta ou fala de improviso na sua forma desprentensiva, os coliseus tornam-se lugares cálidos e íntimos. Muito claramente, a atração que Ethel exerce é ainda mais forte que nas décadas de 20 e 30, quando estava no apogeu como grande cantora de blues e de canções românticas, ou nos anos 40 e 50, quando se firmava como uma grande dama do teatro e do cinema americanos.

«Até há uns 15 anos», contou-me numa recente entrevista, «nunca me senti verdadeiramente feliz ou segura de mim. Estava sempre representando uma peça ou atuando num night-club. Mas isto não é nenhum espetáculo teatral. Sou uma cristã que nasceu de novo, fazendo o que sempre desejei fazer!»

Quase em ar de desculpa, a autora de 259 notáveis gravações acrescentou: «Nunca tive uma voz suficientemente grande para ser do tipo de cantora gritalhona, e aquela voz que eu tinha já quase desapareceu. Mas como a minha avó costumava dizer, 'Você não precisa gritar; Deus possui grandes ouvidos e pode ouvi-la, mesmo se você murmurar.' Como no salmo, creio que você dirá que me levanto e faço um barulho alegre.»

Um barulho radiante é o que Ethel tem sempre feito, e milhões de

pessoas, velhas e moças, correm para presenciar suas atuações na Cruzada ou a vêem em suas aparições na televisão. «Quando ela se encaminha para o microfone», diz Billy Graham, «tenho visto 75.000 pessoas levantarem-se como se fossem uma só. Ethel Waters é uma das mulheres mais amadas, notáveis e *eletrizantes* do século.»

Ela foi sempre desinibida e irreprimível como um furacão. A sua fala é uma mistura mágica de citações bíblicas, gíria dos bairros miseráveis e do mundo do espetáculo, atentados contra a gramática e eloquência pura. Mesmo nos momentos mais sérios, sempre há lugar para um riso. Por exemplo: «O Senhor é Poderoso», dizia ela um dia para mim, «mas» — com um súbito riso maroto — «não se esqueça do Diabo. Ele pode ser muito poderoso. Eu sei, porque costumava também ser uma das *suas* melhores clientes! Quero dizer, o Diabo perdeu uma grande cliente quando me perdeu!»

De olhos postos no passado, ela refletia: «Eu era magrinha, era a Twiggy dos meus dias, quando dançava o *shimmy*. Agora, olhe para mim! Sou tão grande e gorda que são necessários dois anjos da guarda para olharem por mim!» O seu riso abafado encheu a sala. Novamente séria, fez uma citação do seu novo livro *To me It's Wonderful* (Para Mim É Maravilhoso): «O fato é que alguns dos piores de nós tornam-se os cristãos mais felizes. Quanto mais nos tivermos

afundado como pecadores, tanto mais cristãos esclarecidos nos podemos tornar.» A seguir, a preciosa observação: «Algumas pessoas são tão celestiais que não prestam para nada em coisas terrenas.»

Uma Garota Alta e Rebelde. Nascida em 31 de outubro de 1896, numa favela de Chester, Pensilvânia, Ethel Waters era a filha de uma pequena negra de 12 anos e meio que tinha sido violentada sob ameaça de uma faca. Juntamente com a sua mãe-criança, solteira e assustada, Ethel cresceu em vizinhanças miseráveis, a que a sua avó e outros parentes temporariamente chamavam casa. Ethel transformou-se numa jovem muito alta e muito rebelde, capaz de cuidar de si desde os seis anos de idade. Muitas vezes, com fome, roubava alimentos para comer.

No entanto, a garota alta e franzina, de cabeça grande e olhos sensíveis, sentia a falta de qualquer coisa que ela não podia roubar — afeto. Primeiramente atraía as atenções, chocando os adultos com a sua irreverência. Todavia, a sua natureza foi suavizada por três coisas: a influência da sua corajosa avó, Sally Anderson; a bondade das irmãs da escola católica que ela passou a frequentar aos oito anos, e um verdadeiro despertar espiritual que ela experimentou, com a idade de 12 anos, numa reunião de estudos do Evangelho.

Mesmo assim, não podia libertar-se do seu ambiente. Um casamento aos 13 anos com um homem

muito mais velho do que ela fracassou tristemente. Mais tarde, trabalhou como ajudante de cozinha e camareira substituta num hotel de Filadélfia. Conseguia, porém, limpar um quarto bem rapidamente a fim de ter alguns momentos disponíveis para fingir que era uma grande atriz, cantando e dançando diante do espelho.

Então, na noite do seu 17.º aniversário, no clube Jack Rathskeller, um dos concorrentes de um programa de calouros não apareceu, e Ethel tomou o seu lugar. Um casal de artistas de variedades que se encontrava no auditório gostou da sua voz doce, lembrando um sino, e contratou-a com o ordenado de dez dólares por semana.

Na sua primeira representação no palco, Ethel queria cantar um novo número que tinha ouvido interpretado por um travesti. Escreveu a Pace e Handy, de Mênfis, que tinham os direitos autorais, e pediu-lhes autorização. E assim, no acanhado Lincoln Theater, em Baltimore, numa noite de 1915, tornou-se profissionalmente a primeira mulher a cantar o clássico *St. Louis Blues*. No seu estilo inédito, de voz suave e íntima, ela cantou e representou a canção. Um pandemônio de aplausos irrompeu da assistência, e Ethel estava lançada.

Artista da Classe Alta. No princípio da década de 20, Ethel tornou-se uma das primeiras artistas a atrair as multidões de brancos e o seu dinheiro a um night-club no Harlem, o bairro negro de Nova

York. O seu canto e dança ajudaram a transformar Edmund's Cellar «de um lugar sem classe em um lugar com classe». Para a sociedade internacional, Ethel representava um enigma irresistível. Aqui estava uma garota bonita que não bebia nada mais forte que leite, que recusava fazer pressão sobre os clientes para que bebessem, que ria e brincava. No entanto, se a provocassem muito, podia — e uma vez aconteceu — derrubar um homem com um soco.

Em breve começou a aparecer em grandes casas de espetáculo, merecendo os aplausos de gente notável como Al Johnson e Will Rogers. Por trás do aspecto frívolo da garota que lutava para vencer existia uma artista séria. As canções que ela concordava em lançar tinham de ter algum *significado* para ela, e Ethel era quase tão responsável como o compositor pela criação de uma música de sucesso duradouro. *Dinah*, por exemplo: ela foi a criadora, e a sua gravação tornou a canção um êxito internacional. *Am I Blue?* foi outra. Quando cantava com a orquestra de Duke Ellington, em 1933, pediram-lhe que exibisse um novo número que apresentava muitos efeitos sonoros estridentes. Ela argumentou que a música devia ter «mais a ver com as emoções humanas e menos com os estrondos e ruídos da velha Mãe Natureza». Fez-se um novo arranjo, e Ethel lançou *Stormy Weather*.

Foi uma canção de tema apro-

priado para a sua vida pessoal. Ela era agora famosa, mas o seu segundo casamento estava indo muito mal. Adorando crianças, não tinha filhos, e assim permaneceu.

No palco, porém, tudo corria maravilhosamente. O crítico teatral Brooks Atkinson cumprimentou-a por «saber elevar uma canção ao seu ponto máximo». Poucos podiam rivalizar-se com ela como mímica, parodista e dançarina. Em 1934, na revista *As Thousands Cheer*, inflamava a Broadway com a sua extraordinária interpretação de *Heat Wave* e a seguir apagava as chamas com o comovente *Supper Time*. Para os contratos de shows e de clubes noturnos ganhava bruto por semana 4.000 dólares.

Carreira Número Dois. Tendo atingido o apogeu numa carreira, Ethel alcançou um segundo como atriz dramática. Poderia, porém, uma atriz de revista, uma cantora de blues, representar o papel principal em uma tragédia? Eram muitos os céticos na platéia do Empire Theater quando *Mamba's Daughters* estreou no dia 23 de janeiro de 1939. Ethel interpretava a figura de Hagar, a mãe negra desajeitada, confusa e atormentada — que era, segundo ela, muito semelhante à sua própria mãe. Estava decidida a mostrar à platéia branca e aristocrática «o que significa ser uma mulher de cor, estúpida, ignorante e sentindo tudo com tal intensidade que é de ficar meio doida». Ethel estava dando vazão aos sentimentos por tantos anos represados den-

tro de si. Na cena final com o desportista que tinha atraído a sua filha, ela o estrangulou com fúria tão convincente que, quando o pano caiu, houve um silêncio de espanto. A seguir irromperam os aplausos, e Ethel foi obrigada a vir 17 vezes sozinha ao palco para agradecer a ovação.

No entanto, para ela, o triunfo não representava o pináculo da glória nem o final feliz. A sua mãe estava doente, um romance de amor estava terminando e à sua frente estendia-se um áspero caminho. Contudo, Ethel recusou de início convites para desempenhar um importante papel — o de uma criada amadurecida pela experiência da vida, filósofa, porém amarga — em uma dramatização feita para a Broadway do livro *The Member of the Wedding*, de Carson McCullers. «Eu procurei Deus no livro», disse ela aos produtores, «mas não O encontrei.»

Mais tarde, em 1949, os produtores concordaram em dar-lhe mais liberdade de emprestar ao seu papel na peça a sua própria interpretação espiritual. Assim, Ethel Waters, obedecendo ao seu gosto e à sua inflexível integridade, ajudou literalmente a *criar* o papel que ela mais gostou de fazer no palco ou no cinema — o de Berenice Sadie Brown, a cozinheira que aconselha e conforta a garotinha desesperada por não poder acompanhar o irmão na lua-de-mel. Foi Ethel que sugeriu o velho hino que ela cantou no final do último ato. Um testemunho

de fé simples, foi o êxito da peça e tornou-se o título da sua comovente autobiografia, *His Eye is on the Sparrow*.

Nova Vida. Mais ou menos a essa altura, a saúde de Ethel começou a ressentir-se e o seu peso subiu a mais de 160 quilos. Compreendia que a principal razão dos seus males nada tinha a ver com as doenças de nomes esquisitos que os médicos lhe diagnosticavam. Ela sentia «falta de Jesus». Sentia a falta da intimidade confortável que tinha experimentado com Ele quando criança. Altas horas da noite, continuava a procurar no rádio, esperando encontrar «um verdadeiro pregador».

Então, numa tarde de maio de 1957, encontrou-se na estréia da Cruzada de Billy Graham em Nova York, no Madison Square Garden. «Quando entrei», recorda Ethel, «o coro estava cantando *This is my story*, uma das canções que costumávamos cantar na igreja de Chester. Eu não conhecia uma única pessoa, mas em parte alguma me senti tão em casa como ali. E quando Billy começou a pregar, parecia que estava falando apenas para mim. Senti que o Senhor me estava chamando, eu, a Sua filha, para regressar à casa.»

Ethel voltou na noite seguinte, e na outra. Então, para conseguir um lugar reservado ainda melhor, juntou-se ao coro e continuou a estudar os sermões. Diz ela: «O Senhor deu-me respostas imediatas aos meus problemas. Com-

preendi que, embora não lhe tivesse desagradado muito, em verdade também não lhe tinha *agradado*. E que diferença que existe nas duas situações!»

Quando a Cruzada de quatro meses terminou, Ethel descobriu que não podia regressar ao trabalho do teatro. A sua vida antiga e os seus novos sentimentos não se misturavam. «Mas como é que você vai se arranjar?» perguntou alguém.

«Com a misericórdia e a graça de Deus», respondeu Ethel, «tudo sairá bem. O Senhor tomará conta de mim.»

E assim tem sido. Durante 15 anos como evangelista, ela tem

levado a vida a cantar e a atuar nas Cruzadas de Billy Graham, perante grupos tais como a Juventude para Cristo. Diz Billy Graham: «Tenho agradecido a Deus inúmeras vezes que Ele haja permitido que o seu caminho se cruzasse com o nosso.»

Ethel está convencida de que o seu entusiasmo em propagar o Verbo Divino tem acrescentado anos à sua vida, e até ajudou-a a reduzir o seu peso para 90 quilos. Continua a fazer um barulho jubilante em quase todos os assuntos ou ocasiões, contribuindo — com o seu sorriso especial e piedoso — para a sabedoria do mundo.



Não Há Razão Para Alarme. O meu sogro, um psicólogo conhecido nacionalmente, educou brilhantemente os seus cinco filhos. Por outro lado, o meu marido e eu tivemos seis crianças. Numas férias, de visita aos nossos sogros, juntamente com um exército de primos, cunhados e sobrinhos, a casa assemelhava-se a uma colméia em atividade. De repente, Rebeca, a nossa filha de cinco anos, veio correndo excitada para a mesa onde os adultos estavam conversando e tomando o café, dizendo que George, o nosso filho de três anos, se tinha trancado no banheiro do andar de cima.

Notou-se imediatamente um ar de preocupação nos adultos presentes. «Não se alarmem», disse o meu sogro em tom tranquilizador. «Há mais dois banheiros no andar de baixo.»

— A. C. C.



A NOSSA CASA na Ilha de Canvey, no estuário do Rio Tâmisa, foi muito atingida pelas enchentes em 1953. Ficamos sem luz elétrica e uma água gelada subia através das tábuas do assoalho.

Ajudei minha mulher, minha filha, dois hóspedes e o nosso cão a subirem até ao sótão, e depois comecei a descer cuidadosamente para ver se encontrava uma garrafa de whisky para me levantar o ânimo.

«Não beba isso», gritou minha mulher lá de cima, «estou poupando o whisky para um caso de emergência.»

— H. S. H.